

Maria Manuela Ribeiro Martins Teixeira Roças

**O Papel da Vinculação e do Temperamento: Um Estudo sobre Problemas
Emocionais e Comportamentais em crianças em idade escolar**

Orientadora: Professora Doutora Joana Baptista

Universidade Lusófona do Porto

Faculdade de Psicologia Educação e Desporto

Porto, 2014

Maria Manuela Ribeiro Martins Teixeira Roças

**O Papel da Vinculação e do Temperamento: Um Estudo sobre Problemas
Emocionais e Comportamentais em crianças em idade escolar**

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde na Especialidade de Infância e Adolescência

Orientadora: Professora Doutora Joana Baptista

Universidade Lusófona do Porto

Faculdade de Psicologia Educação e Desporto

Porto

(2014)

Agradecimentos

Uma tese é um trabalho solitário. Mas é também uma partilha sem a qual as palavras e números não fazem muito sentido. Assim, gostaria de transmitir a minha imensa gratidão a todos os que direta ou indiretamente me apoiaram.

À Prof. Doutora Joana Baptista pela orientação da tese, pela disponibilidade, empenho e paciência, o meu profundo reconhecimento, admiração, gratidão e amizade.

Às crianças, pais e professores do colégio que nos acolheram e se disponibilizaram para que a investigação acontecesse.

Às doutoras Carla Santos e Paula Campos que foram musas inspiradoras do conhecimento.

Às minhas colegas de investigação Carla e Luciana que ajudaram na recolha de dados e cotação dos instrumentos.

Ao meu colega e amigo Domingos que me “arrastou” para continuar a escalada académica.

À Maria do Carmo pela partilha da sua alegria, mesmo em momentos difíceis.

À Patrícia o meu “anjo da guarda”, não existem palavras para expressar o quanto lhe agradeço a sua amizade, mesmo quando me “puxa as orelhas”.

Ao Bruno e Ana pela força que me deram no momento mais precioso.

À Cristina o “Esquilinho” que deu um novo sentido á minha vida.

Ao Zé por uma já longa vida de partilha e cumplicidade.

Muito Obrigado a todos

Resumo

Esta investigação teve como finalidade o estudo das associações entre género, temperamento, a perceção da vinculação e os problemas emocionais e de comportamento em crianças em idade escolar. Neste sentido pretendeu-se analisar a perspetiva de ambos os progenitores para a identificação dos problemas de internalização e externalização. Recorreu-se a uma amostra constituída por 79 crianças de um colégio privado do distrito do Porto, a frequentarem o 2º, 3º e 4º anos de escolaridade, a idade média dos participantes foi de 8.58 anos, variando entre os 7 e os 10 anos de idade. Foram utilizados como instrumentos de avaliação o *Strength and Difficulties Questionnaire* (SDQ-Por; Goodman, 2005; versão portuguesa Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, n.d.), que avalia de forma breve questões comportamentais, emocionais e relacionais de crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 4 e os 16 anos; o *Children Behavior Questionnaire* (CBQ, versão parcial portuguesa, Melo, 2005), que avalia a perceção parental do temperamento da criança; e as *Escalas de Perceção do Comportamento de Vinculação da Criança: Versão para Mães* (PCV-M; Dias, Soares, Freire & Rios, 2008), centrando-se na perceção dos comportamentos da vinculação das crianças em contexto familiar.

Este estudo proporcionou alguns dados significativos relativamente ao género, sendo que os pais avaliaram os rapazes como apresentando mais comportamentos externalizados e internalizados, comparativamente com as raparigas. Os problemas emocionais e de comportamento surgiram ainda associados a diferentes dimensões do temperamento da criança e, também de acordo com a perceção de ambos os pais, as crianças que apresentam mais problemas de comportamento apresentam também uma vinculação insegura.

Palavras-chave: género, temperamento, comportamento de vinculação, problemas de internalização; problemas de externalização

Abstract

This investigation aimed to study the correlations between gender, temperament, attachment perception and emotional and behavioral problems, in school aged children. So we intended to analyze the perspective of both parents in order to identify internalizing and externalizing behaviors.

The research protocol was applied to 79 children from a private school and their parents. Children, aged between 7-10 years old, attended the 2nd, 3rd and 4th grade. To assess child's emotional and behavioral problems it was used the *Strength and Difficulties Questionnaire* (SDQ-Port; Goodman, 2005; versão portuguesa Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, n.d.). To assess child's temperament it was used the *Children Behavior Questionnaire* (CBQ, Portuguese partial version, Melo, 2005). Parent's attachment perception were assessed using Escalas de Percepção do Comportamento de Vinculação: Mothers Version (PCV-M; Dias, Soares, Freire & Rios, 2008). Results revealed gender differences in both problems behaviors, with boys scoring higher than girls, assessed by fathers. Analysis also reported that emotional and behavioral problems are correlated with different child temperament dimensions. Regarding attachment results revealed that children whose parents reported higher scores in behavioral problems, were also reported as having an insecure attachment.

Key-Words: gender, temperament, attachment perception, internalizing problems; externalizing problems.

Lista de Abreviaturas

CBQ - Children Behavior Questionnaire

SDQ-Por - Strength and Difficulties Questionnaire

PCV-M – Escalas de Percepção do Comportamento de Vinculação da Criança aos 6 anos

Índice

Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento Concetual e Empírico	3
1.1 – Problemas emocionais e de comportamento em crianças em idade escolar.....	3
1.1.1 – Problemas de internalização e de externalização: O papel do género.....	5
1.1.2 – Problemas de internalização e de externalização: O papel do temperamento da criança.....	6
1.1.3 – Problemas de internalização e de externalização: O papel da qualidade da relação de vinculação	8
Parte II – Estudo Empírico	14
2.1 – Objetivo	14
2.2 – Método.....	15
2.1.1 – Participantes	15
2.1.2 – Procedimento.....	16
2.1.3 – Instrumentos	17
3 – Resultados.....	23
3.1. Diferenças entre rapazes e raparigas relativamente aos problemas emocionais e de comportamento.....	23
3.2. Associação entre temperamento e problemas emocionais e de comportamento	24
3.3. Associação entre a perceção da qualidade da relação de vinculação reportada por ambos os progenitores e os problemas emocionais e de comportamento.....	26
4 – Discussão dos Resultados	28
5 – Conclusão.....	31
Referências Bibliográficas.....	32
Anexos.....	

Índice de Tabelas

Tabela 1 <i>Características Sócio-Demográficas dos Progenitores</i>	16
Tabela 2 <i>Médias e Respetivos Desvio-Padrão de Problemas de Internalização e Problemas de Externalização por Género.</i>	23
Tabela 3 <i>Correlações entre os problemas de internalização e de externalização e diferentes dimensões do temperamento.</i>	25
Tabela 4 <i>Correlações entre os problemas de internalização e de externalização e a perceção de vinculação dos progenitores.</i>	27

Introdução

Tendo em consideração que as problemáticas internalizadas e externalizadas são etiologicamente multicausais (Affrunti & Ginsburg, 2011; Barkley, 2002; Bögels & Brechman-Toussaint, 2006; Creswell, et al., 2006; Hammen & Rudolph, 2002; Hinshaw & Lee, 2002; Hudson et al., 2011; Kiff, et al., 2011; Lindhout, et al., 2009; Pellegrino, 2006; Vulic-Prtoric & Macuka, 2006; Russo, 2011), a presente investigação teve como finalidade testar as associações entre género, temperamento, perceção da vinculação e os problemas emocionais e de comportamento em crianças em idade escolar.

Para o efeito, e tendo em conta a revisão da literatura, tivemos em consideração não só as questões relativas às variáveis da família, especificamente à vinculação (Allen et al., 1998; Jongenelen et al., 2006; Carvalho, 2007; Clarke et al., 2002; Duggalet al., 2001; Shaw&Vondra, 1995; Soares, 2009), não só da perspetiva materna, mas também paterna (Grossman, 2007), e ainda variáveis da criança, nomeadamente a questão do género em que vários estudos (e.g. Allen et al., 1998; Canino et al., 2004; Kjøbli & Ogden, 2009; Marques, 2010; Melo, 2005) referem que esta característica apresenta diferenças no que respeita às problemáticas internalizadas e externalizadas, e as características temperamentais (Carvalho, 2007; Caspi & Shiner, 2008; Eisenberg et al., 2001; Melo, 2005; Putnam & Rothbart, 2006; Rothbart & Jones, 1998; Rothbart et al., 2001; Vieira, 2013; Zhou et al., 2002), os quais podem comprometer o desenvolvimento psicossocial da criança (APA, 2002; Barkley, 2002; Carvalho, 2007; Marques, 2010). Desta forma, este estudo, de natureza correlacional, vem acrescentar à literatura o facto de tomar em consideração, em simultâneo, quer a perceção materna, quer a paterna, quanto aos problemas de internalização e externalização, género, temperamento e qualidade das relações de vinculação dos seus filhos.

Neste sentido dividimos a nossa investigação em duas partes: dedicando a primeira parte ao enquadramento concetual e empírico, fazendo uma apresentação dos problemas emocionais, de comportamento e dos conceitos que lhe estão associados, em crianças em idade escolar. Seguidamente, analisamos variáveis da criança nomeadamente o género e o temperamento sendo que a investigação tem vindo a sugerir as mesmas como fatores envolvidos no aparecimento de problemas de internalização e externalização, analisamos também a qualidade da vinculação como variável da família.

A segunda parte é dedicada ao estudo empírico, onde se procura responder ao objetivo do presente trabalho e são colocadas as respetivas questões de investigação. Segue-se o método, resultados e a discussão dos mesmos, assim como as limitações que o presente estudo teve. Terminamos este trabalho com as principais conclusões e uma referência à contribuição que o mesmo possa ter na implicação prática para prevenção dos problemas emocionais e de comportamento.

Parte I – Enquadramento Concetual e Empírico

1.1 – Problemas emocionais e de comportamento em crianças em idade escolar

A investigação tem vindo a sugerir a possibilidade do aparecimento precoce de problemas de saúde mental – quer emocionais quer comportamentais – durante a infância e início da adolescência, ainda antes dos 15 anos de idade (Carvalho, 2007; Elberling, Linneberg, Olsen, Goodman, & Skovgaard, 2010). De acordo com o modelo multiaxial de Thomas Achenbach (1991), os problemas de saúde mental na infância e na adolescência podem ser classificados em duas categorias mais amplas: os problemas de internalização e os problemas de externalização (Carvalho, 2007). Especificamente, enquanto os problemas de internalização caracterizam-se por um conjunto de alterações ao nível das emoções e do humor, tais como ansiedade, depressão, isolamento social e perturbações somáticas (Campos, Besser, Morgado, & Blatt, 2014; Carvalho, 2007; Melo, 2005), os problemas de externalização são caracterizados por comportamentos agressivos, de oposição e impulsividade marcada (Alvarenga & Piccinini, 2007; Campos et. al, 2014; Hinshaw & Lee, 2002; Melo 2005), sendo por isso disruptivos quer para a criança quer para os outros (Carvalho, 2007). Estas dificuldades, quer a nível emocional, quer a nível comportamental, são consideradas normativas, quando são transitórias e ocorrem dentro do período desenvolvimental esperado. Contudo, quando essas mesmas dificuldades se apresentam para além da fase de desenvolvimento a que estão circunscritas, estas são limitativas do funcionamento psicossocial da criança e entram na esfera da psicopatologia (APA, 2002; Barkley, 2002; Carvalho, 2007; Marques, 2010). No que se refere às perturbações emocionais, entre as mais comumente diagnosticadas na infância estão as perturbações de ansiedade e as perturbações de humor, cuja etiologia é multicausal, tendo como contributo para o seu desenvolvimento questões genéticas (Bögels & Brechman-Toussaint, 2006; Creswell, O'Connor, & Brewin, 2006; Hammen & Rudolph, 2002; Pellegrino, 2006), temperamentais (Hudson, Dodd, & Bovopoulos, 2011; Lindhout, Markus, Hoogendijk, & Boer, 2009; Vulic-Prtoric & Macuka, 2006), familiares (Affrunti & Ginsburg, 2011; Kiff, Lengua, & Bush, 2011; Pellegrino, 2006; Russo, 2011), e socioeconómicas (Barkley, 2002; Hammen & Rudolph, 2002; Hinshaw & Lee, 2002). Já no que concerne à prevalência deste tipo de perturbações, estudos epidemiológicos sugerem que a ansiedade pode apresentar taxas que podem chegar aos 23,9% em crianças com idade inferior a 11 anos (Duchesne, Larose, Vitaro, & Tremblay, 2010), e a depressão pode

apresentar uma taxa até 40% em crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 13 anos de idade (Kubik, Lytle, Birnbaum, Murray, & Perry, 2003).

Ao nível comportamental, e considerando os problemas de externalização, estes englobam a perturbação da hiperatividade e défice de atenção (PHDA), perturbação da oposição e perturbação do comportamento, cuja etiologia é igualmente multicausal, nomeadamente devido a fatores genéticos, temperamentais e familiares (Hinshaw & Lee, 2002). Estudos sugerem que crianças com problemas de comportamento podem apresentar este tipo de condutas desde cedo, nomeadamente desde a idade pré-escolar, escalando para o ensino básico e prolongando-se até ao ensino secundário, o que causa um impacto negativo quer nos agentes educativos, quer nos pares com quem vão partilhando o seu quotidiano (Carvalho, 2007; Santos, 2011). Quanto à prevalência dos problemas de comportamento, esta apresenta uma grande variação de estudo para estudo, em parte devido à seleção da amostra e aos diferentes métodos de avaliação (Barkley, 2002). No entanto, relativamente à PHDA e tendo em conta o fator idade, Barkley (2002) aponta para uma prevalência entre os 4% e os 8% em crianças em idade pré-escolar, com uma diminuição para os 2% a 4% em crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos, voltando a diminuir a prevalência para valores entre aproximadamente 1% e 6% na avaliação a adolescentes. Por outro lado, quando analisada a perturbação de oposição, em crianças e adolescentes de idades compreendidas entre os 4 e os 16 anos, Hinshaw e Lee (2002) assinalam uma prevalência de 3%, e para a perturbação de comportamento, os mesmos autores referem uma taxa de cerca de 5.5%.

No entanto, os problemas de internalização e de externalização são um conjunto de problemáticas e quando os estudos (e.g., Costello, Mustillo, Erkanli, Keeeler, & Angold, 2003; Canino et al., 2004) contemplam a existência de várias patologias associadas, principalmente quando os sintomas avaliados se situam a nível sub-clínico (Barkley, 2002; Carvalho, 2007) (i.e., sem critérios suficientes para diagnóstico) as taxas de prevalências podem atingir valores entre os 13% (Costello et al., 2003) e os 57% (Barkley, 2002). Assim, importa salientar que os problemas de internalização e de externalização tendem a apresentar comorbilidades entre si, quer seja entre a mesma categoria ou entre ambas as categorias (Barkley, 2002; Hammen & Rudolph, 2002; Kjøbli & Ogden, 2009). Não admira portanto que a literatura refira que os problemas de internalização sejam tão comuns nas crianças como os problemas de externalização,

embora os primeiros sejam bastante menos vezes diagnosticados (Hammen & Rudolph, 2002; Marques, 2010). Isto deve-se não só às comorbilidades, mas também porque as problemáticas internalizadas apresentam uma maior dificuldade de identificação quer pelo facto de serem menos visíveis por terceiros (e.g., professores), mas também porque as crianças mais pequenas não expressam tão facilmente aquilo que sentem, havendo assim questões desenvolvimentais envolvidas na manifestação da sintomatologia internalizada (Duchesne et al., 2010; Brown, Mangelsdorf, Neff, Schoppe-Sullivan, & Froch, 2009; Hammen & Rudolph, 2002; Marques, 2010).

Tal como mencionado anteriormente, a investigação tem vindo a sugerir que podem ser vários os fatores envolvidos no aparecimento de problemas de internalização e de externalização durante a infância. De seguida, serão abordados alguns desses fatores – i.e., o género, o temperamento da criança e a qualidade da relação entre a criança e os pais –, posteriormente analisados no estudo empírico contemplado neste trabalho.

1.1.1 – Problemas de internalização e de externalização: O papel do género

Quando analisada a questão de género, são apontadas diferenças em função do mesmo, tendo o género masculino sido referido como o que tem maior propensão a apresentar problemas de externalização (Canino et al., 2004; Marques, 2010; Melo, 2005) e o género feminino mais associado aos problemas de internalização (Allen, Moore, Kuperminc, & Bell, 1998; Canino et al., 2004; Kjøbli & Ogden, 2009). A título exemplificativo, Levy, Hay, Bennet, e Mcstephen, (2005) analisaram as diferenças de género numa amostra com fratrias, num total de 1,550 crianças com problemas de externalização e problemas de internalização, os quais foram avaliados mediante questionários. Os resultados mostraram que os rapazes pontuaram significativamente mais para os problemas de externalização e as raparigas para os problemas de internalização. Também Costello e colaboradores (2003) num estudo efetuado com crianças e jovens com idades compreendidas entre os 4 e os 17 anos, avaliados igualmente com questionários, encontraram taxas de maior prevalência no género masculino para comportamentos disruptivos, com enfoque na PHDA e na perturbação de oposição, e valores mais elevados para ansiedade e depressão no género feminino.

No entanto, e no que se refere ao panorama nacional, saliente-se o estudo efetuado por Melo (2005) com 124 crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 9 anos de idade, onde a autora encontrou diferenças significativas em função do sexo para os problemas de externalização, mas o mesmo não se verificou quando analisados os problemas de internalização. Contudo, refira-se que a autora utilizou instrumentos distintos para avaliação dos diferentes comportamentos, contrariamente aos estudos supra mencionados.

1.1.2 – Problemas de internalização e de externalização: O papel do temperamento da criança

A relação entre temperamento e os problemas emocionais e de comportamento na infância tem suscitado o interesse de vários investigadores (e.g., Klein, Putnam & Linhares, 2009; Lima, Lemos, & Guerra, 2008; Putnam & Rothbart, 2006). Nomeadamente porque, apesar das diversas definições de temperamento, parece ser consensual que o temperamento é resultado de aspetos biológicos do indivíduo, aspetos estes que são relativamente estáveis ao longo do tempo (Lima et al, 2008; Putnam & Rothbart, 2006). Estes produzem diferenças idiossincráticas ao nível da intensidade e duração das reações emocionais, motoras e de orientação (Putnam & Rothbart, 2006), assim como ao nível da atividade e atenção precoces (Rothbart & Jones, 1998).

No cômputo geral, apesar de não serem sempre identificadas da mesma forma, os diversos autores consideram que o temperamento é constituído por diferentes dimensões (Lima et al, 2008; Melo, 2005; Putnam & Rothbart, 2006; Rothbart & Jones, 1998). De entre os diversos instrumentos construídos para mapear a estrutura do temperamento, o Children Behavior Questionnaire (CBQ) e os estudos efetuados com base neste instrumento (Rothbart, Ahadi, Hershey, & Fisher, 2001), ajudaram a definir uma estrutura do temperamento. Este instrumento foi desenvolvido para possibilitar a avaliação desta característica em crianças em idade pré-escolar e escolar, e dividiu o temperamento em três grandes dimensões: i) Impulsividade/Extroversão; ii) Emocionalidade Negativa; e iii) Controlo por Esforço. A dimensão *Impulsividade/Extroversão* é composta pelas escalas abordagem/aproximação, prazer de elevada intensidade, a contribuição negativa da tristeza, antecipação positiva e riso/sorriso (Melo, 2005; Rothbart et al., 2001). A dimensão *Emocionalidade Negativa* compõe-se das escalas: desconforto, medo, raiva/frustração, tristeza e a forma negativa da criança se acalmar (Melo, 2005). Finalmente, da dimensão *Controlo por Esforço*

fazem parte as escalas: controlo inibitório, focagem da atenção, prazer de baixa intensidade e sensibilidade perceptual (Melo, 2005; Rothbart et al., 2001).

Assim, quanto à ligação entre temperamento e problemas saúde mental na infância, diferentes dimensões do temperamento têm sido associadas às problemáticas internalizadas e externalizadas. Na verdade, a emocionalidade negativa (Eisenberg, Cumberland, Spinrad, Fabes, & Guthrie, 2001; Melo, 2005), assim como a baixa capacidade de controlo por esforço (Zhou, Eisenberg, Losoya, Fabes, & Shepard, 2002; Melo, 2005), têm sido associadas a um maior número de sintomas de externalização. Contudo, Caspi e Shiner (2008) defendem que a emocionalidade negativa está igualmente associada a problemas emocionais, nomeadamente quando esta dimensão ocorre em simultâneo com uma baixa capacidade de focagem da atenção. Estes resultados são coincidentes com os resultados do estudo longitudinal de Eisenberg e colaboradores (2005, *cit in* Vieira, 2013; Carvalho, 2007). Estes autores avaliaram, durante um período de 2 anos, crianças entre os 5 e os 7 anos idade com o objetivo de estudar a associação entre problemas de internalização e externalização com diferentes componentes do temperamento tendo também verificado que a emocionalidade negativa estava associada aos dois tipos de problemas.

Também nesta linha de estudo, a investigação de Melo (2005) debruçou-se sobre estas questões e, através do CBQ, avaliou 124 crianças com idades compreendidas entre os sete e os nove anos. No seu estudo, os resultados indicaram que uma menor capacidade de controlo por esforço estava associada a um maior número de sintomas de internalização, resultados também defendidos por Muris e Ollendick (2005, *cit in* Caspi & Shiner, 2008). Em complemento, estes autores também perspetivaram que uma baixa capacidade de focagem da atenção (i.e., variável da dimensão controlo por esforço), potenciava um aumento das distorções cognitivas, condição presente na sintomatologia depressiva (Beck, Freeman, & Davis, 2008). Além disso, Melo (2005) também encontrou resultados indicativos de que uma maior capacidade de controlo por esforço estará associada a menores níveis de sintomas de externalização.

Também, no New York Longitudinal Studie (Thomas, Stella, Chess & Birch, 1956, *cit in* Thomas & Chess, 1984) efetivado com 136 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 10 anos de idade, pretendeu estudar o temperamento ao longo do desenvolvimento das mesmas crianças. Os resultados obtidos permitiram aos

autores chegar a uma categorização, que classifica os bebés como fáceis 1*, difíceis 2* e de aquecimento lento 3*¹.

Devemos salientar que nenhum destes padrões está imune a problemas, nem mesmo o categorizado como temperamento fácil. Um dos elementos associados ao bom funcionamento da criança, parece ser o grau de ajustamento conseguido, isto é, se os pais, ou outros educadores, compreenderem que alguns dos comportamentos da criança são consistentes com o seu temperamento base, poderão estar mais disponíveis, promovendo um maior grau de ajustamento (Eisenberg et al., 2001).

Crianças que nos primeiros anos de vida foram rotuladas como tendo um temperamento difícil, tendem a manifestar problemas de externalização como comportamentos de maior agressividade e impulsividade. Este tipo de comportamento surge associado à rejeição pelos pares (Bierman, 2004)

Similarmente Guerin e Gottfried (1994) desenvolveram um estudo longitudinal que revelou que as crianças que aos dois e aos doze anos, eram percecionadas como negativas e pouco adaptadas, tinham sido consideradas pelos seus progenitores como bebés difíceis.

1.1.3 – Problemas de internalização e de externalização: O papel da qualidade da relação de vinculação

Se aliado às variáveis da criança tivermos em linha de conta variáveis da família, a vinculação tem sido de especial interesse para a investigação (Guedeney & Guedeney, 2004), na medida em que tem sido evidenciado que a natureza e qualidade dos relacionamentos que a criança estabelece com outros significativos desempenham um papel fundamental ao longo do ciclo vital (Young, Klosko & Weishaar, 2003).

O termo vinculação é, de acordo com Bowlby (*cit in* Guedeney & Guedeney, 2004), uma ligação descrita como um comportamento instintivo que leva ao desenvolvimento de laços afetivos entre a criança e o seu principal cuidador. No entanto, e apesar de se estabelecer nos primeiros anos de vida (Guedeney & Guedeney, 2004), estes vínculos emocionais estão presentes e ativos ao longo do ciclo vital (Jongenelen, Soares, Grossman, & Martins 2006), não se limitando aos primeiros anos.

¹Padrões de Temperamento adaptado de Thomas & Chess, 1984

1. **Criança fácil**- humor de intensidade ligeira e moderada, geralmente positivo, responde adequadamente à novidade e à mudança; 2. **Criança difícil** – humor intenso e negativo, chora muitas vezes e alto; também ri alto; responde mal à novidade e à mudança; 3. **Criança de aquecimento lento** – reações de intensidade moderadas quer positivas quer negativas; responde lentamente à novidade e à mudança.

Durante a segunda metade do século XX, os múltiplos estudos sobre as consequências adversas de privação nas relações humanas precoces salientaram o impacto destrutivo que estas apresentam no desenvolvimento cognitivo e socioemocional da criança (Sá, 2004). A título de exemplo, salientam-se os resultados de estudos que vieram alertar para a ocorrência de problemas de saúde mental em crianças precocemente impossibilitadas de estabelecer relações privilegiadas e consistentes com um adulto significativo (e.g., Merz & McCall, 2010).

Desde o nascimento, e no contacto com a principal figura de vinculação, a criança vai evoluindo a nível comportamental, cognitivo e emocional, e assim vão surgindo padrões de comportamento mais complexos e de interação da criança com a sua figura de vinculação. Assim, Bowlby (*cit in* Salvaterra, 2011) preconiza quatro fases de desenvolvimento do comportamento de vinculação que se desenvolvem desde o nascimento até aos 4 anos de idade (Soares, 2009). A primeira fase, é de orientação e sinais com discriminação limitada de figuras, que se desenrola dos 0 aos 2 meses, a segunda fase, é orientação e sinais dirigidos para uma ou mais figuras discriminadas e desenvolve-se durante o período dos 3 aos 6 meses. A terceira fase incide na manutenção da proximidade com uma figura discriminada através da locomoção e de sinais e acontece no período dos 6 aos 12 meses, e a quarta, e última fase, é caracterizada pela formação de uma relação recíproca orientada por objetivos. Inicia-se por volta dos 2 anos de idade, com o emergir da capacidade de perceber o ponto de vista do outro, ainda que de forma relativa, e com o surgir de sistemas comportamentais mais sofisticados e orientados por objetivos. Uma característica desta fase é a capacidade da criança para aceitar separações mais prolongadas das suas figuras de vinculação, o que conduz a uma mudança nas condições que ativam o sistema de vinculação. No entanto, o sentimento de segurança da criança continua intimamente ligado à acessibilidade dos pais, embora com uma maior capacidade para lidar com o seu afastamento (Soares, 2009). Bowlby sugeriu que a fase do comportamento orientado para a meta, seria a última do desenvolvimento da vinculação (Salvaterra, 2011). Contudo as crianças durante a idade pré-escolar e escolar continuam a utilizar as suas figuras de vinculação como bases de segurança, embora comecem cada vez mais a utilizar outros adultos e os seus pares para se sentirem protegidos (Salvaterra, 2011).

No entanto, um elemento fundamental no estudo da vinculação em contexto familiar prende-se com a organização das representações das relações de vinculação no modelo

interno dinâmico da criança, na medida em que esta constrói os modelos internos com base nos modelos de interação, provenientes das suas experiências com as figuras de vinculação (Silva et al., 2008). Por modelos internos dinâmicos entende-se estruturas mentais, construídas a partir das experiências de vinculação e da interpretação das mesmas, que orientam não só os comportamentos e sentimentos dos indivíduos mas também a memória, a atenção e a linguagem relacionadas com a vinculação (Main, Kaplan & Cassidy, 1985). De acordo com a teoria da vinculação, a organização de vinculação segura é um pilar para o desenvolvimento da capacidade da criança ser capaz de enfrentar acontecimentos de vida desafiantes (Carvalho, 2007; Mendes, Soares, Jongenelen & Martins, 2011). Além disso, as relações entre a figura de vinculação e a criança estabelecidas precocemente, e de acordo com vários estudos (Jongenelen et al., 2006; Lima Vieira & Soares 2006; Teixeira, 2010), são preditoras das relações íntimas na idade adulta.

Assim, no que concerne ao desenvolvimento dos laços emocionais, pais e mães desempenham um conjunto de papéis sobreponíveis para a socialização das crianças (Grossman, 2007) e, por isso, não será de admirar que a qualidade da responsividade e reciprocidade estabelecida da díade mãe-filho e pai-filho sejam diferentes (Faria, 2011). No entanto, e apesar de ser a mãe que normalmente desempenha o papel de figura de vinculação principal, há já estudos que evidenciam que os pais também podem ser prestadores de cuidados competentes, principalmente se forem capazes de interpretar os sinais da criança e de serem responsivos a esses mesmos sinais (Faria; 2011; Teixeira, 2012). Apesar dos pais tenderem a ligarem-se à sua criança através de atividades mais estimulantes (Grossman, 2007; Teixeira, 2012), esta relação não invalida o facto de os pais poderem ser também figuras de vinculação e influenciarem substancialmente o desenvolvimento socioemocional da criança (Grossman, 2007; Shaw & Vondra, 1995; Sroufe, 2007).

Considerando os padrões de vinculação propostos por Ainsworth com o desenvolvimento da *Situação Estranha* (i.e., vinculação insegura/evitante, ou grupo A, vinculação segura, ou grupo B, e, vinculação insegura/ambivalente ou resistente, ou grupo C, bem como a Desorganização de Vinculação (ou grupo D)) mais tarde proposta por Main e Solomon (1990), vários são os estudos que mostram a influência, que da qualidade da relação entre a criança e a figura de vinculação e o seu desenvolvimento emocional e comportamental (Rabouam, 2004). Na verdade, e apesar de ainda se considerar ser necessária uma maior fundamentação empírica, têm sido encontradas

associações entre os diferentes padrões de vinculação e as perturbações de internalização e externalização na infância (Carvalho, 2007), sendo que vários autores (e.g., Allen et al., 1998; Guedeney & Guedeney; 2004; Jongenelen et al, 2006) salientam que estas ligações entre vinculação e alguns aspetos do funcionamento dos indivíduos (crianças e adultos) têm também um contributo da transmissão intergeracional, considerando contudo que estes não são imutáveis (Jongenelen et al., 2006).

Duggal, Carlson, Sroufe e Egeland (2001), num estudo longitudinal com 168 adolescentes e as mães, obtiveram resultados indicativos de que o padrão de vinculação inseguro avaliado na infância era preditor de sintomatologia depressiva na adolescência. Estes resultados vieram confirmar os resultados anteriores como, por exemplo, os do estudo de Allen e colaboradores (1998), efetuado com 131 adolescentes, no qual se constatou que o padrão de vinculação seguro estava relacionado com menos sintomas internalizados, de acordo com a perspetiva dos próprios jovens, e também com menos comportamentos de externalização, reportados quer pelos pares quer pelas mães.

Ainda no que se refere ao padrão de vinculação insegura, o estudo longitudinal de Shaw e Vondra (1995) efetuado com 100 díades mãe-bebés, provenientes de famílias com baixo estatuto socioeconómico, demonstrou que crianças que apresentavam este padrão de vinculação aos 18 meses de idade apresentaram problemas de externalização aos 3 anos de idade. Estes resultados encontraram eco no estudo efetuado posteriormente por Wood Emerson e Cowan (2004, cit in Carvalho, 2007), onde os autores relataram que a insegurança na vinculação, avaliada aos 3 anos de idade, se associava significativamente com ambas as sintomatologias (i.e., internalizada e externalizada), sendo que os problemas de externalização apresentavam uma relação mais forte com a insegurança da vinculação. Também o estudo de Clarke, Ungerer, Chahoud, Johnson e Stiefel (2002), com uma amostra clínica de crianças, evidenciou resultados de que uma vinculação insegura, bem como desorganizada, estavam associadas, de forma significativa, com a PHDA. Na verdade, também no estudo de Mosset al. (2006) efetuado com pais, mães e crianças em idade escolar verificaram que as crianças com uma vinculação desorganizada referem mais problemas de comportamento de internalização, enquanto as crianças com uma vinculação ambivalente referem mais problemas de comportamento de externalização do que os seus pares.

No estudo de Nunes, Faraco e Vieira (2013) elaborado com 205 cuidadores (pais e mães) e 289 crianças (idade média = 10,5 anos) revelou que meninos com uma vinculação materna insegura prediz agressividade e delinquência, para as meninas com problemas da mesma natureza são preditores por rejeição parental de baixo autocontrolo, isolamento social e ainda alguma tendência para ansiedade/depressão. Vinculação insegura paternal foi preditor de problemas de externalização como comportamentos de isolamento social e problemas de internalização ansiedade/depressão em rapazes.

A nível nacional, Carvalho (2007) efetuou um estudo com 147 jovens com idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos e encontrou resultados significativos para as associações entre os problemas emocionais e comportamentais e a organização de vinculação. Assim, também neste estudo, os participantes que compunham o grupo com perturbação apresentaram uma vinculação insegura, e, em oposição, os indivíduos sem qualquer das perturbações apresentaram uma organização segura.

Importa ainda mencionar que na pesquisa bibliográfica que foi feita para este estudo não foram encontradas investigações que analisem a relação de qualidade na díade pai - criança. No entanto, parece relevante referir um estudo de Grossman que, apesar de centrado nos comportamentos interativos, apontam para a possível relevância da qualidade da relação pai-criança para o desenvolvimento emocional e comportamental da criança. Assim, no estudo longitudinal efetuado por Grossman e colaborador levado a cabo com crianças que foram acompanhadas até aos 20 anos de idade, pertencentes a famílias intactas de classe média. A autora refere que as brincadeiras desafiantes e interativas levadas a cabo pelo pai demonstraram ser de especial importância, na medida em que brincadeiras adequadas utilizadas em idade precoce da criança demonstrou ser um preditor único e independente na organização de vinculação segura da sua criança quando esta foi avaliada aos 10, 16 e 22 anos de idade. Pelo contrário a falta de capacidade dos pais de responderem adequadamente às brincadeiras das suas crianças demonstrou ser um forte preditor de problemas externalizados na idade pré-escolar, sem discriminação de género (Grossman, 2007).

Em termos teóricos e práticos, e apesar de ainda se considerar ser necessária uma maior fundamentação empírica, têm sido encontradas associações entre os diferentes padrões de vinculação e as perturbações de internalização e externalização na infância (Carvalho, 2007), sendo que vários autores (e.g., Allen et al., 1998; Guedeney & Guedeney, 2004; Jongenelen et al, 2006) salientam que estas ligações entre vinculação e

alguns aspetos do funcionamento dos indivíduos (crianças e adultos) têm também um contributo da transmissão intergeracional, considerando, contudo, que estes não são imutáveis (Jongenelen et al., 2006).

Parte II – Estudo Empírico

2.1 – Objetivo

Assim, tendo em consideração que as problemáticas internalizadas e externalizadas são etiologicamente multicausais (Affrunti & Ginsburg, 2011; Barkley, 2002; Bögels & Brechman-Toussaint, 2006; Creswell, et al., 2006; Hammen & Rudolph, 2002; Hinshaw & Lee, 2002; Hudson et al., 2011; Kiff, et al., 2011; Lindhout, et al., 2009; Pellegrino, 2006; Vulic-Prtoric & Macuka, 2006; Russo, 2011), o presente estudo teve como objetivo testar as associações entre género, temperamento, perceção da vinculação e os problemas emocionais e de comportamento em crianças em idade escolar.

Para o efeito, e tendo em conta a revisão da literatura prévia, tivemos em consideração não só as questões relativas às variáveis da família, especificamente à vinculação (Allen et al., 1998; Jongenelen et al., 2006; Carvalho, 2007; Clarke et al., 2002; Duggalet al., 2001; Shaw&Vondra, 1995; Soares, 2009), não só da perspetiva materna, mas também paterna (Grossman, 2007), mas também variáveis da criança, nomeadamente a questão do género e características temperamentais (Carvalho, 2007; Caspi & Shiner, 2008; Eisenberg et al., 2001; Melo, 2005; Putnam & Rothbart, 2006; Rothbart & Jones, 1998; Rothbart et al., 2001; Vieira, 2013; Zhou et al., 2002), os quais podem comprometer o desenvolvimento psicossocial da criança (APA, 2002; Barkley, 2002; Carvalho, 2007; Marques, 2010). Desta forma, este estudo, de natureza correlacional, vem acrescentar à literatura o facto de tomar em consideração, em simultâneo, quer a perceção materna, quer a paterna, quanto aos problemas de internalização e externalização, temperamento e qualidade das relações de vinculação dos seus filhos.

Relativamente à variável género, vários são os estudos (e.g. Allen et al., 1998; Canino et al., 2004; Kjøbli & Ogden, 2009; Marques, 2010; Melo, 2005) que referem que esta característica apresenta diferenças no que respeita às problemáticas internalizadas e externalizadas. Nesse sentido, este estudo controlou o possível efeito do género na internalização e externalização. Contudo, o estudo de Melo (2005), já mencionado neste trabalho, não encontrou resultados concordantes, no que se refere à sintomatologia de internalização.

Assim, a nossa primeira questão de investigação é:

Q1: Existem diferenças entre rapazes e raparigas relativamente à sintomatologia internalizada e externalizada?

De seguida, e tendo em conta a ênfase que a literatura dá à associação entre temperamento e problemas internalizados (Caspi & Shiner, 2008; Eisenberg et al., 2005 cit in Vieira, 2013; Carvalho, 2007) e externalizados (Carvalho, 2007; Melo, 2005; Rothbart et al., 2001; Zhou et al, 2002) a seguinte questão é colocada:

Q2: Existe uma associação significativa entre temperamento e a sintomatologia internalizada e externalizada?

De seguida, importa ainda investigar as variáveis da família, nomeadamente a perceção de vinculação da mãe e do pai, na medida em que a literatura aponta no sentido de que uma vinculação insegura apresentar associação significativa com ambas as problemáticas (Carvalho, 2007; Clarke et al., 2002; Duggalet al, 2001; Grossman, 2007; Shaw&Vondra, 1995;) e inclusive pode ser preditora de patologias mais graves na adolescência (Gervai, 2007).

Assim, justifica-se a seguinte questão:

Q3: Existe uma associação entre a perceção de vinculação dos progenitores e problemas emocionais e de comportamento?

2.2 – Método

2.1.1 – Participantes

O presente estudo integrou uma amostra não probabilística de conveniência, constituída por 79 crianças de um colégio privado do distrito do Porto, a frequentar o 2º, 3º e 4º anos de escolaridade. Quarenta crianças pertenciam ao sexo feminino (50.6%) e as restantes 39 (49.4%) ao sexo masculino. A idade média dos participantes foi de 8.58 anos ($DP= .96$), variando entre os 7 e os 10 anos de idade. Da totalidade das crianças que participaram no estudo, 31 (39.2%) frequentavam o 2º ano de escolaridade, 23 (29.1%) frequentavam o 3º ano de escolaridade, e as restantes 25 (31.6%) integravam o 4º ano de escolaridade.

As famílias que participaram no estudo eram de nível socioeconómico médio-alto. Na tabela 1 encontram-se as informações referentes às idades e habilitações literárias dos progenitores.

Tabela 1**Características Sócio-Demográficas dos Progenitores**

	n (%)	<i>M (DP)</i>
Mãe (N=79)		
Idade		40.46 (4.14)
Habilitações Literárias		
4º ano de escolaridade	---	
5º - 6º ano de escolaridade	---	
7º - 9º ano de escolaridade	---	
10º - 12º ano de escolaridade	5 (6.3%)	
ensino superior	74 (93.7%)	
Pai (N=79)		
Idade		42.44 (5.46)
Habilitações Literárias		
4º ano de escolaridade	---	
5º - 6º ano de escolaridade	---	
7º - 9º ano de escolaridade	3 (3.8%)	
10º - 12º ano de escolaridade	9 (11.4%)	
ensino superior	64 (81%)	
Não respondeu	3 (3.8%)	

2.1.2 – Procedimento

Para realização desta investigação, o primeiro passo foi entregar o consentimento informado ao responsável do estabelecimento de ensino, para contarmos com a disponibilidade necessária para os protocolos.

Os progenitores dos alunos do 2º ao 4º ano do colégio supra citado foram contactados e convidados a participar no estudo, através dos professores que entregaram os Consentimentos Informados (anexo 1) onde eram apresentados os objetivos do

estudo, os procedimentos e a garantia de confidencialidade das crianças participantes e das suas famílias.

Após a devolução dos consentimentos informados devidamente assinados foi entregue aos progenitores, através dos professores, um envelope, com os protocolos de avaliação, em conjuntos separados para o pai e para a mãe, compostos pelos seguintes instrumentos:

- Questionário Sociodemográfico
- Strength and Difficulties Questionnaire (SDQ-Port, Goodman, 2005; versão Portuguesa Fleitlich, Loureiro, Fonseca & Gaspar, s.d.)
- Children Behavior Questionnaire Short-form (CBQ, Rothbart, 2000; adaptação Portuguesa Melo, 2005);
- Escalas de Perceção do Comportamento de Vinculação da Criança aos 6 anos: Versão para Mães (PCV-M; Dias, Soares, Freire, & Rios, 2008);

Após o preenchimento, os questionários foram devolvidos pelos progenitores aos professores nos envelopes fechados.

2.1.3 – Instrumentos

Seguidamente apresenta-se uma descrição dos instrumentos administrados aos participantes.

Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico foi administrado aos pais com o principal objetivo de recolher informações a nível sócio demográfico sobre os participantes. O questionário sociodemográfico dos pais pretende recolher informações relativas à gestação, nascimento, saúde e aprendizagem das crianças, agregado familiar, escolaridade e idade dos pais.

Strength and Difficulties Questionnaire (SDQ-Por; Goodman, 2005; versão portuguesa Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, n.d.)

O SDQ foi desenvolvido por Goodman em 1997 e avalia de forma breve questões comportamentais, emocionais e relacionais de crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 4 e os 16 anos (Goodman, 1997). A versão inicial contemplava uma versão para pais e professores e, posteriormente, Goodman, Meltzer e Bailey (1998, cit in Teixeira, 2010) desenvolveram uma versão similar de auto-relato para os jovens com idades entre os 11 e os 16 anos de idade (Goodman & Lamping, 2010). Atualmente, está já traduzido e/ou adaptado para 75 idiomas, tendo a versão portuguesa sido trabalhada por Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar (s.d.).

No nosso estudo utilizamos o SDQ-Por – versão pais, e este está dividido em 2 componentes. A primeira componente comporta 5 escalas que avaliam: a) sintomas emocionais; b) problemas de comportamento; c) hiperatividade; d) problemas de relacionamento com os colegas; e) comportamento pró-social. A segunda componente do questionário é um suplemento de impacto com itens relativos ao sofrimento global e às dificuldades sociais, que podem acrescentar informações úteis relatadas quer por pais, quer pelos professores. No nosso caso utilizamos a versão sem suplemento, por não serem relevantes para o estudo em curso. Neste estudo, tanto a mãe como o pai preencheram, separadamente, o SDQ-Por.

No que se refere ao preenchimento, o SDQ-Por – versão pais – é composto por 25 questões divididas em 5 questões por dimensão, com três categorias numa escala tipo Likert (não é verdade; é um pouco verdade; é muito verdade). O questionário tem uma cotação total e cotação por dimensão.

Relativamente às qualidades psicométricas, a versão portuguesa evidenciou níveis adequados numa população de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade (Teixeira, 2010), pelo que os resultados encontrados no presente estudo devem ser analisados com precaução, dado que a nossa amostra engloba crianças de uma faixa etária mais alargada. Além disso, e como sugerido por Goodman e Lamping (2010), para populações de baixo risco, como é a do nosso estudo, fizemos a análise deste questionário em apenas 2 dimensões: a) comportamentos internalizados – composta pelas escalas de sintomas emocionais e de relacionamento com os colegas –10

itens; b) comportamentos externalizados – composta por problemas de comportamento e de hiperatividade – 10 itens.

Procedeu-se à análise de consistência interna para as três escalas. Para a escala de comportamentos internalizados foi excluído o item 22 por apresentar variância zero quer no relato das mães, quer no relato dos pais. Após correção da escala de comportamentos internalizados, os valores finais que obtivemos no nosso estudo foram: a) comportamentos internalizados ($\alpha_{\text{mãe}} = .62$; $\alpha_{\text{pai}} = .49$) e b) comportamentos externalizados ($\alpha_{\text{mãe}} = .69$; $\alpha_{\text{pai}} = .66$).

Children Behavior Questionnaire (CBQ: Rothbart, 2000; adaptação portuguesa Melo, 2005)

A versão inicial do CBQ foi desenvolvida na década de 80 do século XX, por Rothbart, para possibilitar a avaliação do temperamento em crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e os 7 de idade. O questionário inicial - versão longa (195 itens) – foi desenvolvido seguindo as premissas teóricas de que o temperamento é fundamentalmente baseado nas diferenças individuais no que diz respeito à reatividade e auto regulação, e que o mesmo é influenciado ao longo do tempo quer pela experiência da criança, quer pelo fator hereditariedade (Putnam & Rothbart, 2006). Nesta versão longa as diferenças individuais são avaliadas a partir de 15 características primárias do temperamento: Nível de atividade, Irritação/Frustração, Aproximação/Entusiasmo, Foco Atencional / Desconforto, Sensibilidade/Limiar de Resposta, Medo, Elevada Intensidade de Prazer, Impulsividade, Controlo Inibido, Baixa Intensidade de Prazer, Sensibilidade Percetiva, Tristeza, Timidez, Sorrisos/Gargalhadas, providenciando, deste modo, uma avaliação detalhada. Cada um dos itens é classificado numa escala de Likert de 7 pontos (e.g., 1 – Muito Falsa; 4 – Nem verdadeira nem falsa; 5 – Pouco; 7 – Muito Verdadeira). Há ainda a opção de Não Aplicável (hipótese utilizada pelos cuidadores que nunca observaram a criança na situação narrada pelo item). A partir da versão longa do CBQ, foi criada uma versão curta (94 itens) e que foi testada pelos autores junto de várias amostras, de modo a garantirem as qualidades psicométricas para o intervalo de idades a que se propuseram avaliar o temperamento. Os autores concluíram que as escalas que compõem a versão curta apresentam níveis adequados de consistência interna e estão relacionadas significativamente com as escalas da versão longa. Um estudo feito por Lopes (2011), relativo às qualidades psicométricas do CBQ – versão curta, junto de crianças portuguesas com idades

compreendidas entre os 3 e os 5 anos, concluiu que, apesar de haver diferenças entre o estudo original e o português, este instrumento tem inúmeras possibilidades.

Tendo em conta o que se propõe avaliar neste estudo, bem como a constatação de Lopes (2011) de que “apesar de se tratar da versão “Short”, o questionário contém bastantes itens e alguns pais podem ao longo do questionário ir desmotivando e começar a dar respostas com menos precisão (...)”, baseamo-nos numa outra investigação feita com a população portuguesa. Assim, no presente estudo utilizamos a versão curta-parcial (42 itens), apresentada por Melo (2005), na qual a autora utilizou os itens correspondentes às seguintes sete escalas da versão curta: (i) a escala de Raiva/Frustração, que avalia itens relacionados com a afetividade negativa (e.g., interrupção de tarefas em curso ou frustração por não conseguir alcançar os objetivos pretendidos); (ii) a Aproximação/Antecipação Positiva, que tem em conta a quantidade de excitação da criança em atividades que lhe dão prazer e são fonte de satisfação; (iii) a escala de Medo, que se refere à ansiedade antecipada ou reação da criança face a situações potencialmente ameaçadoras; (iv) a escala de Focalização de Atenção, que avalia a propensão da criança para se manter focada em determinada tarefa; (v) a escala de Controlo Inibitório, que avalia a capacidade de planeamento ou inibição de resposta de aproximação inadequada face a instruções dadas por outros, ou em situações novas ou de incerteza; (vi) a escala de Tristeza, que avalia a quantidade de afeto negativo da criança, no que concerne ao humor deprimido ou baixos níveis de energia quando relacionados com a exposição a algum tipo de sofrimento, desilusão ou perda de objetos; e (vii) a escala de Sorriso/Riso, que avalia a quantidade de afeto positivo que a criança evidencia em situações de mudança de intensidade, nível de exposição, complexidade e incongruência dos estímulos.

No presente estudo, este questionário foi preenchido pelos pais, em separado, que usaram uma escala de Likert de 7 pontos (e.g., 1 – Muito Falsa; 4 – Nem verdadeira nem falsa; 5 – Pouco; 7 – Muito Verdadeira). Há ainda a opção de Não Aplicável (hipótese utilizada pelos cuidadores que nunca observaram a criança na situação narrada pelo item). Neste estudo, tanto a mãe como o pai preencheram, separadamente, o CBQ.

Junto da população americana o instrumento revelou qualidades psicométricas satisfatórias com valores de alfa de Cronbach variando entre .48 e .80 nas diferentes escalas, sendo a escala da Tristeza a que pontua menos ($\alpha=.48$). No estudo de Melo

(2005), junto da população portuguesa, o alfa Cronbach variou entre .49 e .71 para as diferentes escalas. Apesar de o questionário ter os 7 anos de idade como limite, e de modo a perceber se esta versão do CBQ poderia ser utilizada com crianças mais velhas, Melo (2005) avaliou também crianças com 9 anos de idade. Neste seguimento, a autora calculou valores de alfa de Cronbach separados para três grupos etários (7,8 e 9 anos de idade), e concluiu que os valores de consistência interna das escalas variam ligeiramente para os diferentes grupos, sendo que a Tristeza apresentou os valores menos satisfatórios para os grupos dos 7 anos ($\alpha = .44$) e 9 anos de idade ($\alpha = .40$). Na sua conclusão, a autora refere que a versão curta-parcial é, na sua generalidade, adequada para a avaliação do temperamento também em crianças com 9 anos de idade, para as quais foi possível obter valores de fidelidade das sub-escalas muito próximos dos encontrados na amostra global e nos estudos americanos.

Nesta investigação os valores de consistência interna foram: (i) Raiva/Frustração ($\alpha_{mãe} = .83$; $\alpha_{pai} = .85$), (ii) Aproximação/Antecipação Positiva ($\alpha_{mãe} = .42$; $\alpha_{pai} = .44$); (iii) Medo ($\alpha_{mãe} = .65$; $\alpha_{pai} = .75$); (iv) Focalização de atenção ($\alpha_{mãe} = .68$; $\alpha_{pai} = .64$); (v) Controlo Inibitório ($\alpha_{mãe} = .68$; $\alpha_{pai} = .62$); (vi) Tristeza ($\alpha_{mãe} = .43$; $\alpha_{pai} = .46$); e (vii) Sorriso/Riso ($\alpha_{mãe} = .51$; $\alpha_{pai} = .48$). As escalas que apresentaram valores de consistência interna inferiores a .60 não foram consideradas nas análises subseqüentes.

Escalas de Perceção do Comportamento de Vinculação da Criança aos 6 anos:

Versão para Mães (PCV-M; Dias, Soares, Freire, & Rios, 2008);

A PCV-M foi desenvolvida por Dias, Soares, Freire e Rios (2008) centrando-se na perceção dos comportamentos de vinculação das crianças em contexto familiar. Destina-se a avaliar o comportamento de vinculação em crianças que se encontrem a frequentar os primeiros anos do ensino básico (entre 6 e os 8 anos). Esta escala permite avaliar 3 dimensões referentes à perceção materna do comportamento de vinculação da criança em idade escolar e uma dimensão de desejabilidade social das mães, nomeadamente: (i) Dificuldades de Auto-regulação Emocional (DARE) (12itens) – dimensão que avalia indicadores de insegurança da relação de vinculação em situações de ativação do sistema de vinculação da criança (comportamentos de raiva, ameaça e indiferença face às figuras de vinculação); (ii) Comportamento Base Segura (CBS) (7 itens) - dimensão referente a comportamentos indicadores de utilização das figuras de vinculação como base segura para a exploração (procura ativa de suporte, curiosidade face ao meio e aceitação de restrições relacionadas com a segurança); (iii) Partilha de

Afeto (PA) (7 itens) – dimensão que avalia comportamentos de partilha de experiências e afetos com as figuras de vinculação; e (iv) Desejabilidade Social (DS) (7 itens) - dimensão introduzida com o intuito de detetar valores de desejabilidade social que possam comprometer a validade das respostas das mães. Inclui itens com conteúdo absoluto, com reduzida probabilidade de serem observados em crianças desta faixa etária, com a intensidade descrita (p. ex., “o meu filho nunca fez birras”). Neste estudo, tanto a mãe como o pai preencheram, separadamente, o PCV-M.

Relativamente à precisão do instrumento, os autores relatam valores de alfa de Cronbahde .84 para a Escala Total, .75 para a escala DARE, .71 para a escala CBS e .72 para a escala PA. No nosso estudo fizemos o mesmo tipo de análise para o relato de ambos os progenitores e os valores encontrados foram: Escala Total ($\alpha_{mãe} = .85$; $\alpha_{pai} = .85$); DARE ($\alpha_{mãe} = .64$; $\alpha_{pai} = .75$), CBS ($\alpha_{mãe} = .65$; $\alpha_{pai} = .72$) e PA ($\alpha_{mãe} = .63$; $\alpha_{pai} = .81$).

3 – Resultados

As análises estatísticas do presente estudo foram elaboradas com recurso ao programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) – versão 20.0. As análises prévias efetuadas através do teste de Kolmogorov-Smirnov revelaram não estarem cumpridos todos os pressupostos, optando-se pela utilização de testes não paramétricos. Para a análise do tamanho do efeito procedeu-se ao cálculo de r (Field, 2009).

3.1. Diferenças entre rapazes e raparigas relativamente aos problemas emocionais e de comportamento.

Inicialmente foram calculadas as médias das subescalas de comportamentos internalizados e comportamentos externalizados por género, conforme tabela 2. De acordo com os relatos maternos, a média geral da amostra para a escala de comportamentos internalizados foi de 3.20 ($DP = 2.40$) variando entre 0 e 10 e para a escala de comportamentos externalizados a média foi de 4.71 ($DP = 2.89$) variando entre 0 e 13. Para as mesmas escalas, de acordo com o relato paterno encontramos média de 3.19 ($DP = 2.06$) para a escala de comportamentos internalizados com variações entre 0 e 9, e média de 4.90 ($DP = 2.64$) relativamente à escala de comportamentos externalizados, com variação de valores entre 0 e 11. A amplitude de valores para ambas escalas variava entre 0 e 40 pontos.

Tabela 2

Médias e Respetivos Desvio-Padrão de Problemas de Internalização e Problemas de Externalização por Género.

		Problemas de Internalização		Problemas de Externalização		
		Perspetiva Materna				
		n	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Género	Feminino	40	2.85	2.09	4.13	2.42
	Masculino	39	3.56	2.66	5.31	3.22
		Perspetiva Paterna				
		n	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Género	Feminino	39	2.97	2.17	4.00	2.62
	Masculino	38	3.42	1.95	5.82	2.37

De seguida analisamos as diferenças ao nível dos sintomas de internalização e dos sintomas de externalização, em função do género. A comparação entre os grupos foi realizada através do teste não-paramétrico Mann-Whitney, correspondente ao teste t-Student para amostras independentes. Os resultados foram interpretados com base na magnitude das diferenças entre grupos, através do cálculo de r (Field, 2009).

Os resultados mostraram diferenças significativas apenas relativamente aos comportamentos externalizados, avaliados pelo pai ($U = 445, p = .003, r = -.33$)², com tendência para os rapazes ($n = 38, Mdn = 5.00$) apresentarem mais comportamentos externalizados do que as raparigas ($n = 39, Mdn = 4.00$).

3.2. Associação entre temperamento e problemas emocionais e de comportamento

As análises seguintes pretenderam analisar a associação entre os problemas de internalização e externalização com diferentes dimensões do temperamento.

Relativamente aos sintomas de internalização, os resultados das correlações de Spearman indicam que estes, quando avaliados pela mãe estão positiva e significativamente associados à dimensão do medo ($r_s = .27, p = .018$) e positiva e marginalmente associados à dimensão da raiva/frustração ($r_s = .21, p = .073$). Portanto, de acordo com as mães, quanto mais medo tem a criança, maior a tendência para esta apresentar problemas emocionais. Da perspetiva paterna, os problemas emocionais correlacionam-se de forma positiva e significativa com as dimensões da raiva ($r_s = .27, p = .018$) e do medo ($r_s = .25, p = .028$) e de forma negativa e marginal com a dimensão da focalização da atenção ($r_s = -.21, p = .073$). Ou seja, de acordo com a perspetiva dos pais, crianças que pontuam mais nas dimensão do medo e da raiva, tendem a apresentar mais problemas de internalização, bem como aquelas que revelam mais dificuldades em focalizar a atenção.

No que se refere aos problemas de comportamento e de acordo com o relato de ambos os progenitores, os resultados mostram que estes se correlacionam de modo positivo com a dimensão da raiva/frustração ($r_{s_mãe} = .46, p = .000; r_{s_pai} = .50, p = .000$). Ou seja, crianças com maior grau de afetividade negativa apresentam mais problemas de comportamento. Ainda relativamente aos problemas de externalização, e de igual modo pela perspetiva quer da mãe quer do pai, estes relacionam-se negativa e

² De acordo com Field (2009), um tamanho de efeito de .3 é considerado médio.

significativamente com as dimensões da focalização da atenção ($r_{s_m\tilde{a}e} = -.35, p = .002$; $r_{s_pai} = -.53, p = .000$) e do controlo inibitório ($r_{s_m\tilde{a}e} = -.35, p = .002$; $r_{s_pai} = -.59, p = .000$). Isto é, crianças que apresentam maior número problemas de comportamento têm menor capacidade de controlo por esforço, ou seja têm menor capacidade de inibição de resposta inadequadas, e menor propensão para se manterem focadas em determinadas tarefas. Na tabela 3 podem ser consultados os valores atrás descritos.

Tabela 3

Correlações entre os problemas de internalização e de externalização e diferentes dimensões do temperamento.

Escalas do SDQ e CBQ	1.	2.	3.	4.	5.	6.
Mãe						
1. Comportamentos Internalizados	-	.38**	.21 ⁺	.27*	-.03	-.10
2. Comportamentos Externalizados	-	-	.46**	.05	-.35**	-.35**
3. Raiva/Frustração	-	-	-	.11	-.29*	-.47**
4. Medo	-	-	-	-	.09	.01
5. Focalização da Atenção	-	-	-	-	-	.37**
6. Controlo Inibitório	-	-	-	-	-	-
Pai						
1. Comportamentos Internalizados	-	.25*	.27*	.25*	-.20 ⁺	-.18
2. Comportamentos Externalizados	-	-	.50**	-.07	-.53**	-.59**
3. Raiva/Frustração	-	-	-	.14	-.35**	-.54**
4. Medo	-	-	-	-	-.08	-.06
5. Focalização da Atenção	-	-	-	-	-	.51**
6. Controlo Inibitório	-	-	-	-	-	-

Nota. Coeficiente de Correlação de Spearman; A negrito as correlações estatisticamente significativas

* $p < .05$; ** $p < .01$; ⁺ $p < .10$.

3.3. Associação entre a percepção da qualidade da relação de vinculação reportada por ambos os progenitores e os problemas emocionais e de comportamento

O passo seguinte foi testar as associações entre a percepção de vinculação dos progenitores e os problemas emocionais e de comportamento.

Os resultados da correlação de Spearman mostram que do ponto de vista materno, os problemas emocionais não tem associação significativa com nenhuma das subescalas do PCV, nem com a escala total. De acordo com a perspectiva do pai, os problemas emocionais associam-se negativamente com a subescala da Dificuldade de Auto-Regulação Emocional ($r_s = -.30, p = .009$). Ou seja, os pais consideram que crianças com maior sintomatologia de internalização apresentam menor capacidade de auto-regulação emocional.

Relativamente aos problemas de comportamento, para o relato das mães, estes mostraram-se negativamente associados às escalas de Dificuldade de Auto-Regulação Emocional ($r_s = -.26, p = .023$) e Escala Total ($r_s = -.32, p = .004$). Isto é, crianças que pontuam mais nos problemas de comportamento são referenciadas pelas mães como tendo menor capacidade de auto-regulação emocional e como revelando mais comportamentos que denotam menor segurança. Para os relatos dos pais encontramos as mesmas associações, na mesma direção, acrescido de associação significativa com a subescala de comportamento de base segura ($r_{sDARE} = -.38, p = .001$; $r_{sCBS} = -.37, p = .001$; $r_{sTOTAL} = -.43, p = .000$). Ou seja, pais que reportam níveis superiores de problemas de comportamento nas suas crianças, além de considerarem que estas têm menor capacidade de auto-regulação emocional e níveis globais inferiores dos comportamentos de vinculação, percebem também que as suas crianças apresentam menos comportamentos de base segura. Os resultados estão expressos na tabela 4.

Tabela 4

Correlações entre os problemas de internalização e de externalização e a percepção de vinculação dos progenitores.

Escalas do SDQ e PCV	1.	2.	3.	4.	5.	6.
Mãe						
1. Problemas de Internalização	-	.38**	-.16	.11	-.03	-.07
2. Problemas de Externalização	-	-	-.26*	-.13	-.07	-.32**
3. DARE	-	-	-	.38**	.39**	.75**
4. CBS	-	-	-	-	.60**	.76**
5. PA	-	-	-	-	-	.67**
6. Escala Total	-	-	-	-	-	-
Pai						
1. Comportamentos Internalizados	-	.25*	-.29**	-.05	.03	-.11
2. Comportamentos Externalizados	-	-	-.38**	-.37**	-.22	-.43**
3. DARE	-	-	-	.39**	.33**	.70**
4. CBS	-	-	-	-	.52**	.75**
5. PA	-	-	-	-	-	.73**
6. Escala Total	-	-	-	-	-	-

Nota. DARE – Dificuldade de Auto-Regulação Emocional, CBS – Comportamento de Base Segura; PA – Partilha de Afeto

Coeficiente de Correlação de Spearman; A negrito as correlações estatisticamente significativas

*p < .05; **p < .01; †p < .10.

4 – Discussão dos Resultados

Este estudo teve como objetivo testar as associações entre género, temperamento, perceção da vinculação, problemas emocionais e de comportamento em crianças de idade escolar. Tendo em conta a revisão da literatura, tivemos em consideração as variáveis da criança, nomeadamente a questão do género e características temperamentais (Carvalho, 2007; Caspi & Shiner, 2008; Eisenberg et al., 2001; Melo, 2005; Putnam & Rothbart, 2006; Rothbart & Jones, 1998; Rothbart et al., 2001; Vieira, 2013; Zhou et al., 2002) e relativas à família, especificamente a vinculação, sob a perspetiva materna e paterna (Allen et al., 1998; Jongenelen et al., 2006; Carvalho, 2007; Clarke et al., 2002; Duggal et al., 2001; Grossman, 2007; Shaw & Vondra, 1995; Soares, 2009).

Iniciamos a discussão dos resultados no que concerne ao género e constatamos que ambos os progenitores tendem a avaliar os rapazes como tendo maior propensão quer para os problemas de comportamento, quer para os problemas emocionais. Assim, encontramos resultados indicativos de que os rapazes tendem a apresentar mais problemas de comportamento do que as raparigas, à semelhança de alguns estudos (e.g. Canino et al., 2004; Marques, 2010; Melo, 2005). No entanto na nossa investigação também se verificou uma maior propensão para problemas de internalização nos rapazes, contrariamente a outras investigações, cujos resultados para esta última problemática têm vindo a ser mais associados ao género feminino (Allen et al., 1998, Canino et al., 2004, Kjabli & Ogden, 2009). Portanto, os resultados só se revelaram significativos para os problemas de externalização nos rapazes curiosamente no se refere à avaliação dos progenitores masculinos. Relativamente a este resultado, talvez o mesmo possa ser explicado pela mudança vigente do paradigma da parentalidade, promovida inclusive pela alteração da legislação portuguesa³, que atualmente permite que o papel de cuidador principal não seja exclusivo da mãe, mas partilhado com o pai. Deste modo, cremos que o facto de os pais poderem ser mais participativos nas diferentes fases do desenvolvimento da criança, lhes possibilite uma maior consciência de comportamentos que podem ser inadequados nos seus filhos. Assim, de forma a melhor compreender este resultado e outros possíveis semelhantes, mais investigações são necessárias, contemplando a perspetiva paterna.

³ Decreto-Lei 133/2012, de 27 de Junho

Voltando aos problemas de internalização, entendemos que o facto de não se encontrarem diferenças significativas para esta problemática, poderá encontrar explicação na literatura, que tem referido que estes problemas apresentam uma maior dificuldade de identificação não só pelo facto de serem menos visíveis, mas também porque as crianças mais pequenas, tal como na nossa amostra, têm mais dificuldade em expressarem aquilo que sentem (Duchesne et al., 2010; Brown et al., 2009; Hammen & Rudolph, 2002; Marques, 2010).

Na continuidade das análises, tendo ainda em conta as variáveis da criança fomos analisar a associação entre temperamento, problemas emocionais e problemas de comportamento. Tal como tem sido apontado em investigações prévias, também os resultados da presente investigação sugerem que crianças que reagem mais intensamente e/ou por antecipação a situações potencialmente ameaçadoras (e.g. Eisenberg et al., 2001; Melo, 2005), e que tendem a apresentar maior emocionalidade negativa (Carvalho, 2007; Caspi & Shiner, 2008) são crianças cujos pais também identificam mais problemas emocionais.

No que se refere aos problemas de externalização, similarmente a estudos anteriores, também na nossa investigação encontramos resultados demonstrativos da associação entre os problemas comportamentais e dimensões do temperamento tais como a emocionalidade negativa (Caspi & Shiner, 2008; Eisenberg et al., 2001; Melo, 2005) e o controlo por esforço (Zhou et al., 2002; Melo, 2005). Além disso, crianças referenciadas com maior nível de problemas de externalização são as que tendem a apresentar maiores níveis de frustração e menor capacidade de inibição de respostas desajustadas.

De forma sumária, o nosso estudo indica que de entre as várias dimensões do temperamento, a dimensão da raiva/frustração parece estar presente em ambas as problemáticas. Logo, independentemente da forma idiossincrática de cada criança a demonstrar esta dimensão temperamental tende a ser identificada pelos progenitores. Na prática, uma forma de prevenir a escalada de ambos os problemas nesta fase desenvolvimental poderá passar pela frequência de programas de gestão emocional e de resolução de conflitos. Através destes programas as crianças poderão aprender a lidar com a frustração e adotar respostas emocionais e comportamentais mais adequadas. No entanto, idealmente, estes programas deverão ter sessões onde haja participação

parental, até porque, as problemáticas abordadas neste estudo também estão associadas a fatores de dinâmica familiar, especificamente à qualidade da relação de vinculação entre a criança e os pais.

Por este motivo também analisamos a percepção que ambos os progenitores têm relativamente à qualidade da relação. Sendo que os estudos efetuados com a perspetiva paterna são escassos, e conseqüentemente não há instrumentos dirigidos exclusivamente ao pai, no nosso estudo utilizamos um instrumento de avaliação da percepção da vinculação desenvolvido com uma amostra de mães, pelo que os resultados aqui apresentados devem ser analisados com precaução.

Relativamente a esta variável, os resultados da presente investigação demonstraram que ambos os progenitores percecionam que crianças a quem identificam problemas de comportamento, apresentam um padrão de vinculação inseguro. Tendo em conta a revisão da literatura, diversos estudos (e.g. Allen et al., 1998; Carvalho, 2007; Duggal, et al., 2001; Guedeney & Guedeney, 2004; Jongenelen et al, 2006; Shaw & Vondra, 1995) demonstram que o padrão de vinculação inseguro está associado a ambas as problemáticas, o que encontra sustentação parcial no nosso estudo, nomeadamente através do relato dos pais. Contudo, e de acordo com as mães, a relação entre o padrão de vinculação e os problemas emocionais não tem significância estatística, contrariamente aos resultados que esperávamos obter. O que poderá explicar este resultado segundo a nossa perspetiva é que a mãe, embora acumule responsabilidades na esfera profissional e familiar, continua ainda a ver-se como principal cuidadora e vê o pai assumindo apenas um papel de suporte. Logo, o facto de a figura feminina se percecionar como uma figura responsiva para a sua criança, o que contribui para uma relação de vinculação segura, poderá ser a explicação para não encontrarmos resultados significativos da associação entre os problemas de internalização ao padrão de vinculação, pela perspetiva materna.

5 – Conclusão

Em conclusão, esta investigação pretendeu explorar de que modo variáveis da criança, nomeadamente o género e o temperamento, bem como a variável relativa à família - a vinculação - se associam com os problemas de internalização e externalização. No presente estudo emergiu a curiosidade que os pais contrariamente às mães e a outras investigações, (Allen et al., 1998; Canino et al., 2004; Kjabli & Ogden, 2009), identificarem problemas emocionais nos seus filhos, que são problemas maioritariamente significativos nas raparigas, pelo que parece existir uma atenção mais particularizada por parte dos pais, apontando para uma alteração do papel do pai na estrutura tradicional familiar. Nas últimas décadas surgiram profundas alterações económicas, sociodemográficas, culturais e a entrada massiva da mulher no mercado de trabalho, sendo talvez o fator mais saliente, que conduziu a mudanças nas expectativas acerca dos papéis a desempenhar pelas figuras parentais. Assim a imagem do homem tem-se vindo a alterar, obtendo-se um pai mais afetuoso e ativamente envolvido no quotidiano dos filhos.

Não obstante ao que foi exposto, importa salientar que este estudo apresenta algumas limitações, nomeadamente, o instrumento usado para a avaliação da qualidade da relação da vinculação paterna, foi um instrumento desenvolvido apenas com uma amostra materna o que pode causar alguns constrangimentos, pelo que seria necessário desenvolver um instrumento com uma amostra de pais. Além disso, como existem poucos estudos que avaliem o pai como figura de vinculação, será necessário que outras investigações utilizem a perspetiva paterna da vinculação de forma a perceber se os resultados serão similares.

Outra limitação deste estudo diz respeito ao facto de a nossa população ser uma amostra de conveniência, pois as famílias participantes eram todas de nível socioeconómico médio/alto e com escolaridade maioritariamente de nível superior. Assim parece-nos pertinente que estudos futuros possam ter uma amostra com participantes de diferentes níveis socioeconómicos e diferentes níveis de escolaridade.

Referências Bibliográficas

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for Child Behavior Checklist 4-18, and 1991 profile*. Burlington, VT: University of Vermont/Department of Psychiatry.
- Affrunti, N. W. & Ginsburg, G. S. (2011). Maternal overcontrol and child anxiety. The mediating role of perceived competence. *Child Psychiatry Human Development*, 43, 102-112. doi 10.1007/s10578-011-0248-z.
- Allen, J. P., Moore, C., Kuperminc, G., & Bell, K. (1998). Attachment and adolescent psychosocial functioning. *Child Development*, 69(5), 1406-1419.
- Alvarenga P., & Piccinini, C. A. (2007). O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e competência social da criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 314-323.
- American Psychiatric Association (2002). *Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*. Lisboa: Climepsi editores.
- Barkley R.A. (2002). Attention-deficit/hyperactivity disorder. In E. J. Mash & R. A. Barkley (Eds). *Child Psychopathology (second edition)*, 75-143. New York: Guilford Press.
- Beck, A. T., Freeman, A., Davis, D. D. (2008). *Terapia cognitiva dos transtornos da personalidade (2ª Ed.)*. Porto Alegre: Artmed.
- Bierman, K.L. (2004). *Peer rejection: developmental processes and intervention strategies*. New York: Guildford Press.
- Bögels, S. M. & Brechman-Toussaint, M. L. (2006). Family issues in child anxiety: attachment, family functioning, parental rearing and beliefs. *Clinical Psychology Review*, 26, 834-856. Disponível em: www.sciencedirecto.com. Consultado em: 05/01/2013.
- Brown, G. L., Mangelsdorf, S. C., Neff, C., Schoppe-Sullivan, S. J., & Frosch, C. A. (2009). Young children self-concept: Associations with child temperament, mother's and fathers' parenting, and triadic family interaction. *Merril-Palmer Quarterly*, 55 (2), 184-216.

Campos, R. C., Besser, A., Morgado, C., & Blatt, S. J. (2014). Self-criticism, dependency, and adolescents' externalising and internalising problems. *Clinical Psychologist, 18*, 21-32.

Canino, G., Shrout, P. E., Rubio-Stipec, M., Bird, H. R., Bravo, M. Ramirez, R., Martinez-Taboas, A., (2004). The DSM-IV rates of child and adolescent disorders in Puerto Rico. *Archives of General Psychiatry, 61*, 85-93.

Carvalho, M. A D. (2007). Vinculação, temperamento e processamento da informação: Implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência. Tese de doutoramento não publicada. Instituto de Psicologia da Universidade do Minho. Portugal.

Caspi, A., & Shiner, R. (2008). Temperament and personality. In M. Rutter, D. Bishop, D. Pine, A. Scott, J. Stevenson, E. Taylor, & A. Thapar (Eds.). *Rutter's Child and Adolescent Psychiatry (fifth edition)*, 182-198. Blackwell Publishing Limited.

Clarke L., Ungerer J., Chahoud K., Johnson S., & Stiefel, I. (2002). Attention deficit hyperactivity disorder and attachment. *Clinical Child Psychology and Psychiatry, 7*, 179-98.

Costello, J., Mustillo, S., Erkanli, A., Keeeler, G., & Angold, A. (2003). Prevalence and development of psychiatric disorders in childhood and adolescence. *Archives of General Psychiatry, 60*, (8), 837-844.

Creswell, C., O'Connor, T. G., & Brewin, C. R. (2006). A longitudinal investigation of maternal and child "anxious cognitions". *Cognitive Therapy Research, 30*, 137-147. doi: 10.1007/s10608-006-9021-1

Duchesne, S., Larose, S., Vitaro, F., & Tremblay, R. E. (2010). Trajectories of anxiety in a population sample of children: Clarifying the role of children behavioral characteristics and maternal parenting. *Development and Psychology, 22*, 361-373. doi: 10.1017/S095457941 00001 18.

Duggal, S., Carlson, E. A., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (2001). Depressive symptomatology in childhood and adolescence. *Development and Psychopathology, 13*, 143-164.

Eisenberg, N., Cumberland, A., Spinrad, T. L., Fabes, R. A., & Guthrie, I. K. (2001). The relations of regulation and emotionality to children's externalizing and internalizing problem behaviour. *Child Development*, 72(4), 1112-1134.

Elberling, H., Linneberg, A., Olsen, E. M., Goodman, R. & Skovgaard, A. M. (2010). The prevalence of SDQ-measured mental health problems at age 5-7 years and identification of predictors from birth to preschool age in a danish birth cohort: The Copenhagen child cohort 2000. *European Child Adolescence Psychiatry*, 19, 725-735. DOI 10.1007/s00787-010-0110-z.

Eisenberg N. (2011). *Esforço para controlar o temperamento (auto-regulação)*. In: Tremblay R. E., Boivin M., Peters R. DeV. ,(Eds), *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância* [on-line]. Centre of Excellence for Early Childhood Development, 1-6. Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/documents/EisenbergPRTxp1-Temperamento.pdf> Consultado em 06/03/2013.

Fernandes, I. A. S. (2012). *Delinquência juvenil: Vinculação aos pais e educação parental*. Tese de mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e Educação da Universidade do Porto. Portugal.

Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3ª ed.). London: Sage.

Gervai, J. (2007). Attachment disorganisation. In J. Oates (Eds.). *Early Childhood in Focus 1: Attachment Relationships*. Milton Keynes UK: The Open University

Grossman, K. (2007). Fathers. In J. Oates (Eds.). *Early Childhood in Focus 1: Attachment Relationships*. Milton Keynes UK: The Open University

Guerin, D. W., & Gottfried, A. W. (1994). Temperamental consequences of infant difficulties. *Infant Behavior and Developmental*, 17, 413-421

Hammen, C., & Rudolph, K. D. (2002). Childhood mood disorders. In E. J. Mash & R. A. Barkley (Eds). *Child Psychopathology (second edition)*, 233-278. New York: Guilford Press.

Hinshaw, S. P., & Lee, S. S. (2002). Conduct and oppositional defiant disorders. In E. J. Mash & R. A. Barkley (Eds). *Child Psychopathology (second edition)*, 144-198. New York: Guilford Press.

Hudson, J. L., Dodd, H. F., & Bovopoulos, N. (2011). Temperament, family environment and anxiety in pre-school children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39, 939-951. doi: 10.1007/s10802-011-9502-x.

Jongenelen, I. (2004). Vinculação em mães adolescentes e seus bebês: da matriz relacional à matriz contextual. Tese de doutoramento não publicada. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.

Jongenelen, I., Soares, I., Grossmann, K., & Martins, C. (2006). Vinculação em mães adolescentes e seus bebês. *Psicologia*, 20, 11 –36.

Kiff, C. J., Lengua, L. J., & Bush, N. R. (2011). Temperament variation in sensitivity to parenting: Predicting changes in depression and anxiety. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39, 1199-1212. doi: 10.1007/s10802-011-9539-x.

Kjabli, J., & Ogden, T. (2009). Gender differences in intake characteristics and behavior change among children in families receiving parent management training. *Children and Youth Service Review*, 31(8), 823-830.

Klein, V. C., Putnam, S., & Linhares, M. B. M. (2009). Assessment of temperament in children: Translation of instruments to portuguese (Brasil) language. *Interamerican Journal of Psychology*, 43 (3), 552-557. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=28412903015>. Consultado em 03/04/2013.

Kubik, M. Y., Lytle, L. A., Birnbaum, A. S., Murray, D. M., & Perry, C. L. (2003). Prevalence and correlates of depressive symptoms in young adolescents. *American Journal of Health Behaviour*, 27, 546 - 553.

Levy, F., Hay, D. A., Bennet, K. S., & McStephen, M. (2005). Gender differences in ADHD subtype comorbidity. *Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 44(4), 368-374.

Lima, L., Lemos, M. S., & Guerra, M. P. (2008). Adaptação do inventário de temperamento para crianças em idade escolar – School Age Temperament Inventory – SATI de McClowry a uma população portuguesa. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 11(1), 55-70.

Lima, V.; Vieira, F.; Soares, I. (2006). *Vinculação em Casais: Avaliação da Representação da Intimidade e da Interação Conjugal*. *Psicologia*; 20(1), 51-63

Lindhout, I. E., Markus, M. T., Hoogendijk, T. H. G., & Boer, F. (2009). Temperament and parental child-rearing style: Unique contributions to clinical anxiety disorders in childhood. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 18(7), 439-446. doi: 10.1007/s00787-009-0753-9.

Lopes, A. M. A. S. (2011). *Estudo das qualidades psicométricas do ChildrenBehaviorQuestionnaire (CBQ) para avaliação do temperamento de crianças portuguesas entre os 3 e os 5 anos*. Tese de mestrado não publicada, Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.

Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for classifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation? In M. Greenberg, D. Cicchetti & E. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool Years (pp. 121-160)*. Chicago: Chicago University Press.

Marques, A. C. T. (2010). *Crenças parentais sobre a punição física e a identificação dos problemas comportamentais e de adaptação psicossocial das crianças em idade pré-escolar*. Tese de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal.

Melo, A. I. M. T (2005). *Emoções no período escolar: Estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança*. Tese de mestrado não publicada, Instituto de Investigação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.

Mendes, T., Soares, I., Jongenelen, I, & Martins C., (2011). Mães adolescentes: Adaptação aos múltiplos papéis e a importância da vinculação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(2), 309-317.

Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3 (26), 395-409.

Neves, L. M. M. F. (2008). Vinculação, episódios emocionais e compreensão emocional nas perturbações alimentares. Tese de doutoramento não publicada. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Portugal.

Nunes, S.A.N., Faraco, A.M.X., & Vieira, M.L., (2013). *Attachment and Parental Practices as Predictors of Behavioral Disorders in Boys and Girls*. Paidéia sep-dec: 2013, Vol. 23, Nº. 56, 369-377. Doi: 10.1590/1982-432723562201311

Pellegrino, M. N. (2006). Maternal anxiety, parenting, and the emergence of child anxiety among young children with and without developmental delay. The Pennsylvania State University. *ProQuest Dissertations and Theses*, 94-94 Disponível em: <http://search.proquest.com/docview/305247272?accountid=43826>.

Putnam. S.P., & Rothbart, M. K. (2006). Development of short and very-short forms of the children's behavior questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 87(1), 103-113.

Rabouam, C. (2004). Avaliação da vinculação no bebé. In N. Guedeney & A. Guedeney (Eds.). *Vinculação – Conceitos e Aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.

Rothbart, M., Ahadi, S., Hershey, K., & Fisher, P. (2001). Investigations of temperament at three to seven years: the Children's Behavior Questionnaire. *Child Development*, 72(5), 1394-1408.

Rothbart, M. K., & Jones, L. B. (1998). Temperament, self-regulation, and education. *School Psychology Review*, 27(4), 479-491.

Disponível em: <http://search.proquest.com/docview/219652904?accountid=144926>.

Consultado em: 11/04/2013.

Russo, V. S. F. C. C. (2011). *Atribuições parentais em relação á ansiedade dos filhos: Estudo exploratório com crianças ansiosas*. Tese de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal

Sá, E. (2004). *A maternidade e o bebé*. 2ª edição. Lisboa: Fim de Século Edições.

- Salvaterra, M.F. (2011). *Vinculação e Adopção*. Edições Universitárias Lusófonas
- Santos, T. C. (2011). *Percepção de pais e educadoras sobre os problemas de externalização e internalização das crianças em idade pré-escolar*. Tese de mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia da Universidade Fernando Pessoa. Porto. Portugal.
- Silva, F., Fernandes, M., Veríssimo, M., Shin, N., Vaughn B. E. & Boost, K. K. (2008). A concordância entre o comportamento de base segura com a mãe nos primeiros anos de vida e os modelos internos dinâmicos no pré-escolar. *Análise Psicológica*, 3(26), 411-422.
- Soares, I. (2009). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In Soares I. (Org). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação*. (pp. 13-46). Braga: Psiquilivros edições
- Sroufe, A. (2007). Attachment and later outcomes. In J. Oates (Eds.). *Early Childhood in Focus 1: Attachment Relationships*. Milton Keynes UK: The Open University
- Teixeira, D. C. A. (2010). *Esquemas iniciais desadaptativos e ajustamento psicológico em crianças e adolescentes* Tese de mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Portugal.
- Teixeira, E. D. F. (2012). *Comportamentos perturbados de vinculação em crianças com acolhimento institucional: Contribuição das características da criança e dos cuidados*. Tese de mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e da Educação da Universidade do Porto. Portugal.
- Thomas, A. & Chess, S. (1984). Genesis and evolution of behavioural disorders: From infancy to early adult life. *American Journal of Orthopsychiatry*, 141 (1), 1-9.
- Vieira, A. C. S. (2013). *Distorções de base segura em crianças institucionalizadas: O papel do temperamento e da psicopatologia*. Tese de mestrado não publicada. Escola de Psicologia da Universidade do Minho. Portugal.
- Vulic-Prtoric, A., & Macuka, I. (2006). Family and coping factors in the differentiation of childhood anxiety and depression. *Psychology and Psychotherapy*, 79, 199-214. doi 10.1348/14608305X52676.

Wood, J. J., McLeod, B. D., Sigman, M., Hwang, W., & Chu, B. C. (2003). Parenting behavior and childhood anxiety: Theory, empirical findings, and future directions. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 44, 134-151.

Young, J. E., Klosko J. S., & Weishaar, M. E. (2003). *Schema Therapy: A Practitioner's Guide*. New York: The Guilford Press.

Zhou, Q., Eisenberg, N., Losoya, S.H., Fabes, R.A., & Shepard, S.A. (2002) The relations of parental warmth and positive expressiveness to children's empathy-related responding and social functioning: A longitudinal study. *Child Development*, 73 (3), 893-915.

Anexos

Anexo A – Declaração de Consentimento Informado

Declaração de Consentimento Informado

Um grupo de investigadores da Universidade Lusófona do Porto, coordenados pela Professora Doutora Joana Baptista, está a realizar uma investigação na qual o tema estudado é o ajustamento escolar e desenvolvimento sócio-emocional em crianças em idade escolar. Para tal, será levado a cabo um conjunto de procedimentos, caracterizados pelo preenchimento de questionários, dirigidos aos pais. Por sua vez, junto da criança serão realizadas provas de leitura e de escrita, no contexto escolar, num momento previamente identificado com a Professora Titular, de forma a não interferir com o trabalho desenvolvido em sala de aula. A realização das provas tem a duração de 15 minutos.

Neste sentido, vimos por este meio, solicitar a autorização de V. Excelência para a participação do/a menor nos procedimentos acima enumerados. Após a conclusão da análise de dados, as informações obtidas nos questionários serão devolvidas aos pais. A par disto, os dados resultantes deste estudo serão mantidos confidenciais, sendo divulgados apenas os resultados globais por grupos de indivíduos em congressos e artigos científicos, sem qualquer informação que leve à identificação dos respetivos participantes ou das suas famílias.

Consentimento

Tomei conhecimento do objetivo e procedimentos do estudo e compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da investigação que tenciona realizar. Autorizo o/a menor (nome) _____ a participar no projeto de investigação, dando a minha autorização para que os dados sejam apresentados de forma anónima e confidencial em apresentações públicas, congressos e publicações. Ademais, autorizo que os resultados das provas de leitura e de escrita sejam devolvidos à Professora Titular, com vista a promover o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Data: Porto, ___/___/_____

Assinatura do Encarregado de Educação: _____

Email para envio dos resultados do estudo: _____

Anexo B – Questionário Sócio-Demográfico

Por favor, leia com atenção as questões que se seguem. A informação recolhida a partir deste questionário é confidencial e utilizada, exclusivamente, para esta investigação. Em parte alguma deste questionário indique o seu nome ou o nome da criança.

1. IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA

Sexo: M F Nacionalidade: _____ Data de nascimento: ____/____/____

2. INFORMAÇÕES RELATIVAS À GESTAÇÃO E NASCIMENTO

- 2.1. Tempo de gestação: _____ *semanas* 2.2. Peso ao nascimento: _____ *gramas*
2.3. Tipo de Parto: **Natural:** ____ **Cesariana:** ____ 2.4. Índice Apgar (1º/5º minuto): ____/____
2.5. O seu filho esteve internado em neonatologia e/ou cuidados intensivos após o nascimento?
Não ____ (passe ao ponto 3) **Sim** ____ Se sim, durante quantos dias esteve internado? _____ *dias*
Se sim, qual o motivo do internamento? _____

3. DADOS RELATIVOS À SAÚDE E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

3.1. O seu filho tem alguma doença, deficiência física ou mental? **Não** ____ **Sim** ____
Descreva-a, _____ por _____ favor

3.2. O seu filho teve/tem algum problema na escola, de aprendizagem ou outro? **Não** ____ **Sim** ____
Descreva-o, _____ por _____ favor

3.3. O seu filho dorme bem? **Sim** ____ **Não** ____
Se _____ **Não,**
porquê? _____

3.4. O seu filho come bem? **Sim** ____ **Não** ____
Se _____ **Não,**
porquê? _____

3.5. Atualmente, qual o ano de escolaridade que frequenta o seu filho? _____

3.6. O seu filho alguma vez ficou retido/reprovou? **Não** ____ **Sim** ____ Se sim, em que ano (*considerar anos do jardim-de-infância* e 1º *ciclo*)? _____

3.7. Qual o desempenho do seu filho nas disciplinas seguintes (*escolha uma opção para cada disciplina*)?

	Mau	Abaixo da média	Médio	Acima da média
L. Portuguesa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Matemática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estudo do Meio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. AGREGADO FAMILIAR

4.1. Estado Civil da Mãe

- Casada/A viver em união de facto com a mãe da criança
Solteira
Divorciada

- Viúva
- Casada/A viver em união de facto com outra pessoa

4.3. Habilitações Literárias da Mãe

- 4º ano de escolaridade
- 5º-6º ano de escolaridade
- 7º-9º ano de escolaridade
- 10º-12º ano de escolaridade
- Ensino Superior

4.3. Idade da Mãe: _____ anos

4.4. Estado Civil do Pai

- Casado/A viver em união de facto com a mãe da criança
- Solteiro
- Divorciado
- Viúvo
- Casado/A viver em união de facto com outra pessoa

4.5. Habilitações Literárias do Pai:

- 4º ano de escolaridade
- 5º-6º ano de escolaridade
- 7º-9º ano de escolaridade
- 10º-12º ano de escolaridade
- Ensino Superior

4.6. Idade do Pai: _____ anos

4.7. Agregado familiar (lista das pessoas que vivem com a criança). Em situação de divórcio, indicar os elementos da casa onde a criança passa mais tempo/guarda.

Grau de parentesco
1.
2.
3.
4.
5.

Obrigado pela sua colaboração!